

Relato de campo: Caminhada etnográfica por dois roteiros no centro de Campina Grande: a antiga rodoviária e a feira, atividade decorrente da Aula Inaugural no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, no dia 27/03/2015. Participantes: membros do SOCIATOS, PET e GUETU. Relato: José Guilherme Magnani.

Conforme combinado no dia anterior, durante o *workshop* de preparação para a caminhada, encontramos-nos na Praça da Liberdade, às 10:00. Era um sábado de manhã, já estava bem movimentada: jovens evangélicos aproveitavam o fechamento do semáforo para exibir aos motoristas que esperavam a abertura do sinal uma mensagem religiosa e, bem no meio da praça, um conjunto musical tocava pagode para uma plateia atenta; logo em seguida apareceu a primeira leva de pesquisadores.



Reunido todo o grupo, repassamos o combinado: a ideia era seguir pelo calçadão do Cardoso em direção a uma galeria, descer um piso e chegar à antiga rodoviária para depois visitar a feira. Esse calçadão logo me lembrou uma similar, em Curitiba, a “Boca Maldita”, no começo da rua Quinze de Novembro, ponto de encontro de senhores que se encontram regularmente para comentar as últimas novidades da cidade, da política local, do futebol: daí o sugestivo nome. Confirmando minha impressão, lá estavam as sedes (ou lojas) dos dois times rivais, O Treze e o Campinense, num edifício logo na entrada do

calçadão. Prof. Vanderlan já havia me informado que esse ponto era uma espécie de “termômetro” que registrava os movimentos da cidade – manifestações, comemorações, eventos esportivos etc. Para completar o cenário, havia cafés, bares, algumas lojas – uma de conserto de panelas, outra que vendia folhetos de cordel, entre vários produtos. Comprei três, a dois reais cada: “Um Marido Duvidoso, ou - Um Casamento Interessante”, de Maria Godelivie, “poetisa e professora”; “Campina Grande: dos Tropeiros ao Avião”, de Cláudio Melo e “O Homem do Pinto Grande”, de Manoel Monteiro.

Para estabelecer o primeiro contato, divisei um usuário com a camisa do Palmeiras (futebol, assim como cachorros e crianças, oferecem um bom pretexto para estabelecer contato) e, neste caso, o time em questão me era familiar permitindo fazer inúmeras considerações; o moço também torcia para o Flamengo. Logo em seguida, descendo pela rua Venâncio Neiva, encontramos na calçada um rapaz oferecendo à venda um belo filhote de cão siberiano a R\$ 800,00: várias pessoas paravam para apreciar e comentar.

Prosseguindo, chamou-me a atenção o estilo arquitetônico tradicional ainda remanescente dessa rua. Haveria algum plano diretor, normas de proteção ao patrimônio histórico e cultural da cidade?



Um lance da arquitetura da rua

Na galeria havia lojas de roupas, cabeleireiros etc, mas o interessante era que, num determinado trecho, aparecia um escada que levava ao piso inferior: de novo, lojas, cabeleireiros, etc. só que – mais uma vez segundo Vanderlan – a preços mais baixos. Se um corte de cabelo lá em cima custava R\$ 25:00, aqui em baixo era R\$5,00...



Tatuador com loja no piso inferior



Saindo da galeria

Logo divisamos a antiga rodoviária, cuja parte interna, com os boxes, está desativada mas ocupada pelos mais diversos serviços: açougue, conserto e revenda de produtos elétricos e eletrônicos, cozinhas que servem refeições, barbearias etc. A parte externa, ao longo da rua, é ainda utilizada como rodoviária intermunicipal: há quiosques de venda de passagens, além de lojas de sapatos, chapéus, frutas, cds, etc. – uma espécie de “camelódromo”. Mas lá dentro, um verdadeiro labirinto. A primeira pergunta que nos fazíamos (e a eles) era sobre o regime de ocupação: eram locatários, proprietários, ocupantes? As respostas variavam: alguns afirmavam que pagavam aluguel a pretensos proprietários; outros, que pagavam taxas a uma associação de comerciantes; no entanto, o prédio era da prefeitura. Ou seja, bastante confusa a situação dominial.

A especialidade de uma das cozinhas era galinha ensopada; o simpático proprietário de outra – de um lado ficavam o fogão, a pia e alguns armários e, no outro, duas mesas com cadeiras, para servir as refeições – trajava uma camisa do Corinthians: de novo, pretexto para puxar prosa: já havia morado em São Paulo, inclusive atuara como jogador em times de futebol amador.

A passagem do bando de pesquisadores pelos corredores estreitos não deixava de ser notada pelos vendedores e usuários: nós os observamos e eles nos observam; no entanto, todos eram muito solícitos quando abordados.



Foto de Vanderlan

Antes de sair, um estabelecimento, ou melhor, o cartaz que anunciava sua atividade chamou-nos a atenção: que seria “serviço de surfassagem”?



A loja estava fechada, alguns clientes esperavam e logo que abriu eles se indagavam, um tanto apreensivos, se todos nós íamos solicitar o serviço... como nem sabíamos do que se tratava, logo que nos foi explicado, eles ficaram mais tranquilos. Afinal, era um trabalho de elaboração e polimento de lentes para óculos... Ou, mais precisamente: “é o ato por onde um bloco oftálmico passa, basicamente, por sete etapas e um rigoroso processo de avaliação antes de sua industrialização...” (Internet) Cáspite!

Já do lado de fora, havia potentes camionetas, antigas e bem conservadas, que faziam serviço de lotação para as cidades vizinhas.



De frente para a calçada da rua de cima, onde estacionam os ônibus, os antigos boxes agora abrigam lojas dos mais variados produtos – algumas delas ainda funcionam como venda de passagens e sala de embarque – competindo com as barracas do “camelódromo”.



No outro lado da rua, um estabelecimento de “alta rotatividade”: consegui, com toda discrição, um flagrante das venerandas senhoras aguardando seus clientes...



Agora, em direção à catedral e rumo à feira, segundo roteiro de nossa caminhada, subimos por outra escada até um feira de produtos hortifrutigranjeiros. Frutas e verduras na parte de baixo e lojas, dos mais variados produtos, na parte de cima. Percebi um casal de meninas, bem produzidas, que se dirigiram para uma barraca de ervas medicinais: aparentemente estavam procurando produtos para fazer incenso artesanal: tentei me

aproximar e puxar conversa; fui solenemente ignorado. Mais tarde percebi que eram conhecidas de Gilliard e seguiram à nossa frente na caminhada até a catedral. Tirei foto com duas senhoras, flagrei um senhor aparentemente pastor, escolhendo gravatas em uma loja de produtos evangélicos.



O pastor



A senhora



As meninas

Numa loja de produtos regionais comprei duas lamparinas de latão, uma a 25 reais e a outra a 5 (e depois me dei conta que esquecera meu caderno de notas nessa loja. Na volta o recuperei...).

Finalmente entramos no espaço coberto da feira, que funciona todos os dias com exceção do sábado (a conferir). É imensa, estende-se por 4 quilômetros – Mariana disse que já se perdera lá dentro... –, mas devidamente ciceroneado por Pedro, do PET, (que já trabalhou por ali vendendo *cds*) foi possível percorrê-la com tranquilidade. Num espaço assim, tão eclético, não podiam faltar os inevitáveis *inferninhos* e vimos um, ao final de um longo corredor. Mas, na condição de feira, tinha de tudo, nem daria sequer para enumerar, numa primeira incursão, todas as bancas com seus produtos, de roupas a alimentos, carnes, verduras, grãos, produtos de informática, decoração, utensílios domésticos, loja de produtos religiosos.

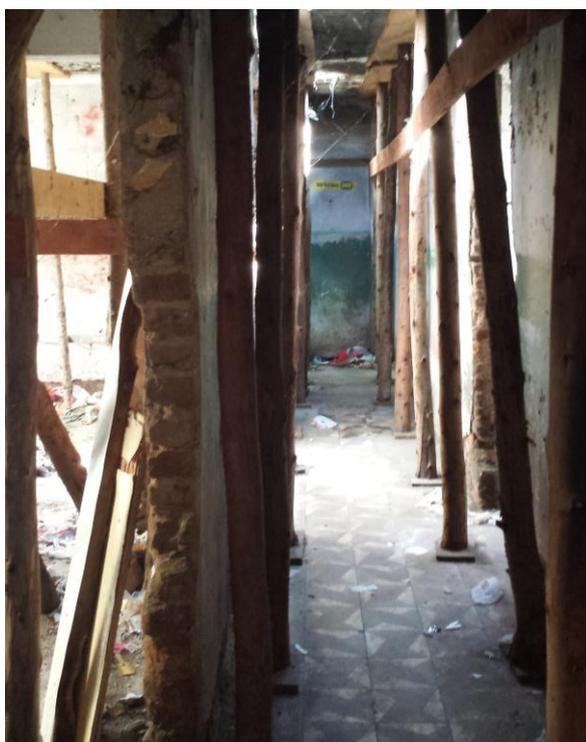
Aliás, numa dessas, de umbanda, comprei por sugestão do Gilliard um cachimbo de Jurema. O proprietário logo percebeu que não éramos do “pedaço”: depois de explicar nossa presença ali, falei que vinha de São Paulo e ele me disse que tinha uma filha lá, a Patrícia, trabalhava na Rádio Globo.

A parte aberta da feira tinha uma aparência mais precária; a prostituição era mais visível, havia mais botecos, pontos de venda de sucata. Vanderlan me fez entrar numa barbearia, mas a conversa não rendeu; soubemos apenas que o barbeiro atende ali há 25 anos. Um bêbado se juntou ao nosso grupo e de repente apareceu com uma criancinha – que, como já foi assinalado, sempre estabelece um ponto de contato e pedido para fotos; uma moça, aparentemente com problemas mentais, também aderiu ao grupo e nos acompanhou,

quietinha, até o fim da caminhada; tentei abordá-la, mas se esquivou. Alguém levantou a hipótese de que ela era a mãe da menininha.



Pedro insistia para que fôssemos mais adiante, até onde estava o que havia sobrado de uma antiga e famosa boate, “Eldorado”: tinha desabado e agora era usada como abrigo de moradores de rua. Abrimos caminho por entre caixotes de galos, patos e galinhas – ali era o setor de aves – e entramos. Realmente, estava em ruínas. Mas lá dentro havia compartimentos muito bem arranjados pelos moradores. Fomos bem recebidos, conversaram, permitiram fotografar.



Eram quase 14:00 e resolvemos encerrar a caminhada. Combinamos de nos encontrar, para as considerações finais, numa escadaria nos fundos da catedral, à sombra. Demos então a volta por dentro da parte coberta – não sem antes passar pelo setor de carnes (bovina, suína, caprina) e não resisti a um flagrante um tanto chocante para veganos e vegetarianos:



Mas, para compensar e contrastar, o registro da vitalidade e entusiasmo da equipe, ao término da caminhada e um pouco antes do relato das primeiras impressões sobre a experiência:



Foto de Vanderlan

Considerações finais

Foram escolhidas duas *manchas*, relativamente próximas uma da outra, na região antiga e central da cidade, ambas voltadas para venda de produtos e oferecimento de serviços de caráter popular: essa escolha deu-se, basicamente, para facilitar o exercício coletivo. Uma caminhada como essa, contudo, pode desdobrar-se ensejando a identificação e articulação com outras categorias, como *trajeto*, *circuito* etc.

No caso da antiga rodoviária, por exemplo, a observação poderia estender-se para outras *manchas* – a nova rodoviária, o aeroporto, os pontos de moto-taxistas etc. e assim identificar um possível *circuito* dessa atividade e sua dinâmica: os fluxos, trocas, rivalidades, complementariedades, especialidades. Questões que poderiam surgir: para cidades menores e mais próximas de Campina Grande, o ponto de partida/chegada é apenas a rodoviária antiga? E para outras cidades pode-se optar? Haveria diferença no serviço – rapidez, conforto, segurança? As passagens lá são mais baratas? No caso da feira, a comparação seria com supermercados, feiras de bairros, de rua, *shopping centers* que integram esse *circuito*: que tipo de produto só se encontra na feira, por exemplo? Quais as diferenças de preço, procedência, qualidade?

Cabe ressaltar, por fim, que é da leitura comparada do *corpus* formado pelo conjunto dos vários relatos, sobre os mesmos espaços mas a partir de diferentes olhares que podem surgir questões recorrentes e de interesse, além de *insights* inesperados; esse é o diferencial de tal exercício: vários pesquisadores, um mesmo perímetro percorrido, num mesmo período de tempo – condições que permitem uma análise comparativa e consistente.